ESPAÇO DE DIÁLOGO IX - ENSINO DE GEOGRAFIA_EXPERIÊNCIAS II

ÍNDICE

- **O ESPAÇO SOCIAL, AS ÁGUAS DE BETÂNIA E A HEPATITE *B* 2**
- **COMPREENDENDO O MUNDO ATRAVÉS DA REGIÃO: O TABACO E A GLOBALIZAÇÃO 12**
- **LER, ESCREVER E FALAR - RESPONSABILIDADE DA ESCOLA 15**
- **GEOGRAFIA A BORDO DE BARCO 18**
- **A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ESTUDOS SOCIAIS 20**
- **FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA ESCOLA DO CAMPO: UM DESFIO À CIDADANIA 24**
- **A GEOGRAFIA EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O APRENDIZADO DA CARTOGRAFIA 26**

O ESPAÇO SOCIAL, AS ÁGUAS DE BETÂNIA E A HEPATITE *B*

CLÁUDIO JOSÉ BERTAZZO[1]

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido quando ministrava aulas no Ensino Fundamental em Cachoeirinha (RS), e contou com a participação de um grupo de alunos das sétimas séries – turmas 71 e 72. O propósito de colocar os alunos em atividade de pesquisa decorreu de dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar estava a necessidade de um fazer geográfico que transcendesse o ambiente de aulas teóricas e ativasse a curiosidade pela pesquisa e produção de respostas ao problema proposto, em segundo lugar estava a origem do problema de pesquisa, isto é, as freqüentes ausências dos alunos do Bairro Vila Betânia devido manifestação de patologias infecto-contagiosas, notadamente Hepatite tipo "B".

Detectadas as possibilidades, passamos para a montagem e execução da pesquisa, contando com o apoio da direção da Escola Alzira Silveira Araújo. Criamos os grupos de trabalhos, as tarefas e a organização dos dados da pesquisa e então partimos para investigação.

O município de Cachoeirinha integra a Região Metropolitana de Porto Alegre e situa-se na latitude 29° 55' 30" Sul e longitude 50° 58' 29" Oeste, em posição à Nordeste da capital do Rio Grande do Sul. O município ocupa uma área de 43,7 Km², estando limitado entre duas vias de grande fluxo: a BR 290 (Free way) e RS 118. A Vila Betânia localiza-se em um ponto da estrada Frederico Ritter e se estende por aproximadamente dois quilômetros até o entroncamento com a RS 118, distribuindo-se neste ponto a norte e a sul da rodovia RS 118.

Havia águas em Betânia

A questão básica para a pesquisa foi explicação prévia da conexão entre a doença contraída pelos alunos – Hepatite B – e a compulsória interdição de freqüentar a Escola, com todos os prejuízos decorrentes e a qualidade das águas

[1] Bacharel e Licenciado em Geografia, Mestre em Geografia -UFRGS, professor na rede Pública de Cachoeirinha, Porto Alegre e no Departamento de Geografia da ULBRA.

consumidas pela população da Vila Betânia em Cachoeirinha (RS), que, em alguns domicílios eram obtidas diretamente da natureza, captadas do lençol freático ou artesiano. Enquanto em outros era obtida pela distribuidora de águas do Estado do Rio Grande do Sul –Companhia Riograndense de Saneamento –CORSAN. Essa empresa possui um reservatório instalado na cota de maior altitude do bairro, donde distribui sua rede cujo limite é a rodovia RS 118. Durante a realização da pesquisa não havia rede instalada pela CORSAN ao norte dessa rodovia.

Estabelecemos nossa ação no propósito de conhecer as condições em que a comunidade consome as águas extraídas diretamente da natureza. E buscamos identificar o panorama do consumo de água *in natura,* que possibilitasse ao Poder Público atuar na promoção de saúde pública e planejamento de obras de saneamento, e, também, que facilitasse o desencadeamento de educação ambiental para a comunidade escolar e a própria comunidade do bairro.

As investigações pretenderam coletar, através de uma entrevista oral realizada em cada domicílio da Vila Betânia, as seguintes informações:

A qualidade da água consumida;

o número de domicílios que consomem água captada em poços;

o grau de esclarecimento da comunidade no quesito qualidade da água.

A pesquisa se justificava pela necessidade de compreender o processo urbano periférico da municipalidade de Cachoeirinha (RS) e a respectiva oferta de equipamentos urbanos às comunidades que a integram, ao tempo em que se propõem como um instrumento de auxílio ao planejamento governamental.

A situação vivida na Vila Betânia está inscrita na questão da reorganização do setor de saneamento básico, em que existe o projeto de lei número 4147/2001, tramitando na Câmara dos Deputados, que discute uma proposta de Saneamento Ambiental e a universalização de água potável e esgoto.

A pesquisa domiciliar sobre o consumo de água diretamente do poço doméstico isenta de tratamentos ou cuidados especiais, se relacionava com a ocorrência de casos de hepatite “B”. Basicamente a contaminação do lençol freático captado pelo poço era conseqüência da inexistência de uma rede coletora de esgotos domésticos, que vinha a poluir, continuamente, o lençol freático.

Um aspecto característico dessa enfermidade é necessidade do afastamento compulsório das atividades, muito prejudicial aos estudantes, quando eram

infectados. Trabalhamos com a incerteza da potabilidade da água consumida pela população da Vila Betânia e procurávamos entender a extensão da exclusão ou dispensa do serviço de água encanada do Concessionário Municipal. Além destas duas interrogações, faltava-nos entender se uso continuado de águas captadas diretamente na natureza era resultante da oferta tardia de água potável através da CORSAN ou se era apenas uma medida de economia. Pois, como se sabe, a captação de água no lençol freático é mais barata (sem custos) do que a água fornecida pela CORSAN. Por essa mesma razão (econômica), era a alternativa preferida da comunidade?

Montadas as equipes, saímos a campo para entender a realidade da nossa comunidade e tentar explicar a endemia de Hepatite "B" associada ao consumo de água não tratada.

UM BREVE REFERENCIAL TEÓRICO

A Geografia desenvolveu uma forma de análise e interpretação do espaço que permite vê-lo enquanto totalidade. É o que chamamos de "espaço geográfico", que nas palavras de Milton Santos, se caracteriza como "*a natureza modificada pelo homem através de seu trabalho"* (1980, p.236).

Logo, o espaço geográfico, o espaço analisado e interpretado pelo geógrafo engloba o espaço social, onde o elemento humano já interagiu, modificando-o e o espaço natural - natureza natural – onde o homem ainda não tocou. Como declara Santos (1980 p.150): "*O espaço, por outro lado não é jamais um produto terminado, nem fixado, nem congelado para sempre".*

Consciente desta realidade, é que nos propomos a investigar o tipo de água consumida pela população da Vila Betânia. Compreendendo que são inúmeras as forças que atuam e conformam o espaço e que nossa análise espacial sobre esta comunidade tende a uma descrição da realidade do saneamento ambiental em que vive. De modo que nos não guiaremos pela simplificação de uma análise econômica somente, mas pela produção do espaço social e as ações de seus agentes, como elaboradores dos arranjos espaciais, conforme Santos: "*A construção do espaço é obra da sociedade em sua marcha histórica ininterrupta*" (1980, p. 213).

A PESQUISA

A pesquisa foi coordenada pelo professor de Geografia (autor deste artigo) e.

O roteiro para a pesquisa foi através da planta do bairro e dividimos os grupos e quadras até que cada domicílio tenha sido averiguado. Neste caso usamos as informações de toda a população e não usamos amostragens. A coleta de informações contou com a participação dos alunos das turmas de sétima série 71 e 72, conforme a nominata que segue: Adriano, Alexander, Carine, Cíntia, Cristiane, Daniela, Denilze, Flávia, Freitas, Jaqueline, Jocelmo, Micheline, Natali, Roberto e Viviane

A metodologia consistia em seguir o roteiro pela rua destinada a cada dupla e anotar o número do domicílio; passo seguinte era feita a abordagem aos residentes do domicílio através das seguintes perguntas:

vocês utilizam a água da CORSAN? Em seguida perguntava-se:

vocês têm poço em casa? Se a resposta fosse afirmativa perguntava-se:

é um poço comum ou um poço artesiano? Observe os resultados na tabela:

Domicílios Visitados	Número de ocorrências
Água encanada pela CORSAN	221
Poço comum	128
Poço artesiano	91
Não entrevistados ou sem serviço CORSAN	96
CORSAN e poços	33
Total de domicílios pesquisados	559

Os alunos percorreram todo o bairro, pesquisando cada domicílio. No segundo semestre de 2001 existiam 559 domicílios dos quais 128 possuíam poços comuns, 254 utilizavam água encanada pela CORSAN, destes últimos 33 domicílios também utilizavam água de poço.

A pesquisa também mostrou setores que apenas utilizavam água de poços devido a ausência de rede da CORSAN quando da realização da pesquisa. A maior ocorrência de domicílios sem água tratada está na parte da Vila que fica a norte da RS118, que são os casos da ruas Clara Nunes, Jardim Betânia, Pinto da Rocha,

Plácido Motin e Pereira Pinto. A situação reproduz-se ainda na estrada do Horto Florestal, chamada estrada dos Capistranos em a totalidade das residências só dispõem de água de poços.

O setor que está mais próximo do reservatório, bem como a avenida principal do bairro apresentam índices mínimos de 90% de utilização de água tratada, que são os casos da rua Lami, Magistério, Laranjal, e Avenida Atlântida. Já ruas como a Itapoá, Capão da Canoa, Rainha do Mar tem no máximo 75% dos domicílios com água tratada e distribuída pela CORSAN. E, inclusive, temos ruas como a Travessa da Sereia que contabiliza 100% de residências com água tratada.

A situação é complexa porque existem oferta de água tratada e alguns domicílios a recusam por motivos que a pesquisa não alcançou. É exemplar o caso de hepatite "B" ocorrido no nº 667 da avenida Atlântida: o domicílio possui a rede da CORSAN e poço comum, no entanto alguns residentes contraíram a doença. A ingestão da água contaminada pode ter sido no próprio domicilio ou em casa de amigos ou familiares dentro do próprio bairro, de modo que o controle da doença necessita de muitas frentes de trabalho, especialmente a educação para a saúde e ambiental.

A situação tomou aspectos “epidêmicos” e a Secretaria de Saúde do Município convocou os alunos para a vacinação. Todavia os poços continuam a fornecer água aos moradores da Vila Betânia, e a CORSAN também. Se a dispensa do serviço de água tratada é decorrente de preços do serviço oferecido ou do baixo poder aquisitivo, deixa de ser um problema local e se insere nas questões nacionais de política salarial e distribuição de renda.

O CONTEXTO

Reconhecendo que todos os recursos da natureza são escassos e que não poderão ser explorados indefinidamente, a água enquanto um recurso natural também é um bem escasso, finito. Muito embora só recentemente os Governos e Cientistas tenham passado a discutir mais profundamente esse assunto, esta é uma percepção mui antiga de todos os povos que buscaram viver em harmonia com a natureza, exatamente aquilo que hoje se chama de *ecologicamente correto*.

As populações da Europa e América do Norte contaminaram suas águas com efluentes industriais, domésticos e resíduos radioativos, de modo que atualmente, nos países europeus, quase ninguém tem coragem de beber água das torneiras, bebem apenas água mineral. O serviço geológico dos Estados Unidos estima que vinte e cinco por cento dos estado-unidenses consomem água contaminada diariamente. Na Califórnia foi construída uma fábrica de água, que recicla este bem e a devolve através de bombas de recalque para o interior do aqüífero a fim de garantir sua perenidade.

No Brasil, carecemos de campanhas esclarecedoras da ameaça da escassez ou da contaminação dos corpos d'água, lençóis e aqüíferos (lençóis subterrâneos em rochas porosas). O perigo principal, em nossa opinião, advém do desperdício, causado pela inconsciência da finitude das águas puras. Em qualquer lar no Brasil, com as devidas exceções, escova-se os dentes, faz-se a barba e lava-se a louça com a torneira aberta e a água escorrendo. Os banhos também são longos e a água escorre enquanto se ensaboa o corpo. Desperdício de água e energia. As políticas de educação ambiental estão muito vagarosas, nossa esperança é de que cheguem antes de acabarem as águas potáveis/tratáveis. Outros exemplos de desperdícios são as lavagens de automóveis e calçadas com água tratada. Até pode ser esta a razão do saneamento não ter chegado à ainda universalização, alguns consomem demais e não permitem que as companhias de saneamento estendam suas redes a todas as comunidades. Sintoma gritante de um país injusto. O próprio Governo Federal tem diminuído os investimentos no setor, baseado em percentuais do PIB – Produto Interno Bruto, segundo notícias recentes divulgadas pela imprensa nacional.

Em nosso planeta 20% da população, ou seja, 1.200 milhões de seres humanos ainda não têm acesso a água potável. E, em decorrência do consumo de água contaminada, morrem de doenças 4 milhões de crianças por ano, cólera por exemplo. Mas existem pesquisas indicando que a água fluoretada aumenta a incidência de câncer ósseo, significando que existem controvérsias acerca de alguns tratamento de potabilização da água. É notório que no Brasil se encontram 8% da água potável existente na Terra, localizadas na bacia amazônica e nos aqüíferos do subsolo. As disputas pelas fontes de águas potáveis são questões tão sérias, que a Organização das Nações Unidas – ONU - prevê guerras no Oriente, pela posse delas.

Sobretudo, prevalecem os aspectos biológicos da vida humana, dos vegetais, dos restantes dos animais, além dos demais reinos. Observemos o seguinte, conforme as palavras de Alfredo Sirkis 2:

Água é vida. Na maior parte somos constituídos de água. Das águas dependemos, sem fuga possível, sem alternativas. Três quartos da superfície da terra estão cobertos de água mas, descontando-se a água salgada dos oceanos e as geleiras, apenas 2.6% são constituídos de água doce, utilizável. O consumo de água no planeta aumenta vertiginosamente, tendo quadruplicado nos últimos 40 anos, sob efeito de técnicas de irrigação agrícola, dos processos de industrialização e do aumento da população. 73% dessa água é usada na agricultura, 21% na indústria e os restantes 6% servem para uso doméstico. Uma pessoa necessita de um a dois litros de água potável por dia, mas no, nos países em desenvolvimento, metade da população não tem acesso à água encanada.

O Comitê Executivo sobre saúde, água potável e saneamento no desenvolvimento sustentável, mantido pelas Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS e Organização Mundial da Saúde –OMS, com sede na cidade de Washington (US), evidencia principalmente as questões das desigualdades no serviço e utilização da água potável, do saneamento básico e do desenvolvimento. Essas desigualdades estão na origem das contaminações dos adolescentes alunos do ensino fundamental com residência na Vila Betânia. Isto é, como as famílias não dispõem ou não têm possibilidades de utilizar o serviço de água potável e saneamento elas acabam pagando um preço bem maior através da contaminação por doenças adquiridas pelo consumo de água contaminada. Um compromisso maior com o desenvolvimento humano igualitário levaria a superação destes males que encontramos em nossa investigação. Com certeza, somente a atuação combinada dos poderes públicos com ações da comunidade poderá levar à conquista deste estágio igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inequivocamente, existe uma relação entre a saúde humana e a degradação do meio ambiente, em nosso caso resultado da ausência de uma rede coletora de

[2] Disponível em: << http://www.ondazul.org.Br >>

esgotos, que, sem sombra de dúvidas, é um passo decisivo para a proteção e conservação do meio ambiente e da saúde das populações em primeiro lugar.

Ainda que não esteja no foco primeiro de nossa pesquisa, a situação das águas residuais – esgotos domésticos – é assunto que traz grande preocupação a todos. A própria comunidade elegeu o saneamento como prioridade no Orçamento Participativo. A percepção da comunidade em relação à questão das águas subterrâneas, sua qualidade e aproveitamento se coaduna com um projeto maior de sustentabilidade ambiental. Inclusive porque a comunidade serve-se das águas captadas em poços, e uma vez que não são tratadas, pensam ao menos garantir que não sejam poluídas. Evidências de uma questão muito sensível.

Considerando que a canalização de água potável seja recente e não universal (e que apresenta perdas através da rede de distribuição), as formas encontradas pela população para suprir-se de água são aquelas que estão ao alcance econômico do momento. Logo, distribuir água potável e saneamento significa distribuir justiça à população. E, como sabemos, a parcela da população de maior poder aquisitivo acaba consumindo a água potável que, no entanto, não atende a totalidade dos domicílios, apropriando-se de um bem que é - deveria ser - de todos. Considerando essa iniqüidade distributiva e de utilização, Sidney Grippi3, afirma:

O homem tem tratado muito mal a água, vital para sua vida. Os quatro maiores poluidores das águas são: 1º - As prefeituras municipais - Dos quase 5 mil municípios brasileiros, não chega a 10% aqueles que estão tratando o esgoto da cidade convenientemente. Vem a ser a maior mazela ambiental de nossas cidades, a emissão de esgoto sanitário sem tratamento. 2º - A agroindústria - Esta atividade econômica primária, é um grande consumidor de água; para termos o alimento na mesa, precisamos da agricultura, no entanto, dado ao elevado e indiscriminado uso de agrotóxicos nesta atividade, as águas e o solo acabam sendo contaminados por produtos químicos. 3º - As mineradoras - É imprescindível o uso da água na mineração, muitas delas, clandestinas. Em troca, as águas são poluídas com metais e substâncias químicas altamente tóxicas, como o caso do mercúrio. Por fim, 4º - A indústria, com a emissão de seus efluentes. Como visto, pensava-se que a indústria era a grande vilã da poluição das águas, no entanto, este título vai para a grande maioria de nossas prefeituras municipais.

[3] Disponível em << http://www.issoai.com.br/festivalaguanoterceiromilenio >>

Finalmente, cabe clarificar as classificações dos tipos de água disponíveis no ambiente. Encontramos a água de três maneira:

água suja

água limpa

água potável

Água Suja - É visivelmente suja, pode estar contaminada.

Água Limpa – A enxergamos limpa. Quando conseguirmos ver o fundo da garrafa, ao olharmos para dentro dela, dizemos com certeza que a água está limpa. Todavia, água limpa não significa água boa para beber. Embora limpa ela poderá estar contaminada ou conter microorganismos, não visíveis a olho nu.

Água Potável - É a água ideal para se beber. É segura. Não contém micro organismos nem produtos químicos que agridem a saúde. Quando não temos certeza da potabilidade da água, devemos evitar sua ingestão.

O dilema está justamente na capacidade de transformar água limpa em água potável. Quais as condições da água dos poços da Vila Betânia? Somente através das análises químicas é que saberemos. Mas se não for potável, existem vários métodos de torná-la potável. Pode-se usar o método da cloração, empregado desde o início do século XX, ou a metodologia dos filtros caseiros de areia e carvão vegetal ou simplesmente a fervura. Todavia é preciso realizar atividades de educação ambiental para que se ensine a população, antes que se chegue à universalização da distribuição da água canalizada e das redes de esgotos.

O Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Anam, divulgou mensagem às nações, em que menciona que o acesso a “fontes seguras e suficientes de água potável é uma condição fundamental para a sobrevivência”. E acrescenta: “Até este momento continua-se a agir como se água potável fosse um recurso abundante e ilimitado, não é assim; a água potável é um bem precioso, não se pode viver sem ela, e é insubstituível”. Sobre as atividades humanas, ele as percebe como causadoras de: “um impacto profundo na quantidade e qualidade da água potável disponível” e conclui dizendo: “que atividade humana na terra tem provocado a redução e poluição da água. O desenvolvimento agrícola, urbanização e industrialização sugerem a necessidade de reforçar os esforços para uma melhor gestão da água”.

Estamos diante de necessidades urgentes para gerir melhor esta riqueza que logo poderá se esgotar. E o lamentável é que pode acontecer quando os benefícios da água tratados e canalizados ainda não se universalizaram, em nosso município, em nosso país e no planeta. Alias, como já ensinavam os geógrafos, planeta água, planeta das águas.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Milton. Por uma geografia nova. São Paulo: HUCITEC, 2 ed., 1980, 236p.
_____. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico e informacional. São Paulo: HUCITEC, 3 ed. 1997, 190p.
SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice. São Paulo: Cortez, 5. ed. 1999, 348p.

COMPREENDENDO O MUNDO ATRAVÉS DA REGIÃO: O TABACO E A GLOBALIZAÇÃO

FREDERICO BONNENBERGER[4]

A globalização é um processo que pode ser compreendido e analisado sob diversas perspectivas, tendo-se em vista que a cultura, a produção de bens materiais e imateriais e a organização de poderes no atual momento histórico se dão, principalmente, em função da organização produtiva capitalista mundializada.

Desta maneira, o estudo do fenômeno da globalização realizado pela oitava série da Escola Particular de Ensino Fundamental Aula Evangélica, de Vera Cruz/RS, no ano de 2004, aconteceu através do estudo de caso da cultura do tabaco que se desenvolve na região do Vale do Rio Pardo, região na qual se insere o município dos alunos.

O projeto esteve estruturado em uma ótica multidimensional que visava despertar nos educandos uma visão abrangente e complexa do fenômeno da globalização. Como este fenômeno não se restringe somente ao campo econômico e muito menos é limitado a uma realidade regional, pretendeu-se estabelecer vínculos entre as dimensões mundial e local deste processo por meio do exemplo da fumicultura, atividade que está presente na realidade dos alunos de Vera Cruz, e que "conecta" este local ao mundo, enquanto produto inserido nas redes mundiais de produção, industrialização e consumo.

Este trabalho privilegiou a construção de conhecimentos baseados na articulação de diversas características e particularidades deste agronegócio que se desenvolve localmente, mas que se insere nos circuitos globais de produção e consumo por meio de companhias multinacionais que controlam oligopsonicamente a produção local do produto. Assim, o principal foco deste trabalho foi o de compreender a articulação entre o local e o global, que podem ser compreendidos como “duas faces da mesma moeda”.

[4]Graduado em Estudos Sociais/Geografia pela UNISC e professor da Escola Particular de Ensino Fundamental Aula Evangélica, Vera Cruz/RS. O presente trabalho foi desenvolvido com o apoio da Coordenadora Pedagógica, professora Cláudia Kniphoff Kroth e da professora de informática, Jaqueline Grunewald.

Neste sentido, Santos (1994) afirma que "cada lugar, não importa onde se encontre, revela o mundo (...) já que todos os lugares são sucetíveis de intercomunicação" (Santos, 1994, p.43). Compreende-se assim que é possível ter uma visão local para se entender o global.

Esta perspectiva tende a ir ao encontro do que Morin (2002) coloca como centro de uma das grandes necessidades da educação contemporânea, que é a articulação e a contextualização dos saberes que são desenvolvidos pela sociedade. Neste sentido, a educação deve estar estruturada em quatro pilares básicos: pensar a globalidade, pensar a relação todo-partes, compreender a multidimensionalidade e evidenciar a complexidade, pois "a era planetária necessita situar tudo no contexto e no complexo planetário" (Morin, 2003, pág. 35).

Tendo em vista estes pressupostos, o projeto estruturou-se da seguinte maneira:

Objetivos	**Atividades**	**Produtos**
Identificar principais características da produção tabacaleira no mundo	Através de dados (tabelas, textos...), conhecer principais características da produção e consumo de tabaco no mundo	Mapas temáticos mostrando o mercado mundial do tabaco (maiores produtores, importadores e exportadores de fumo).
Relacionar as formas de ocupação e organização do espaço regional com o florescimento da cultura tabacaleira.	Pesquisar em livros informações que justifiquem o desenvolvimento da atividade fumageira na região do Vale do Rio Pardo.	Seminário com a apresentação das informações e dados pesquisados.
Conhecer o funcionamento da produção da tabacaleira regional, identificando as formas como estrutura-se esta cadeia produtiva.	Entrevista (através de questionário estruturado) com representantes de entidades regionais que estão ligados a cadeia produtora do tabaco (Sindicato da Indústria do Fumo, Associação dos Fumicultores do Brasil e Sindicato de Trabalhadores Rurais).	Transcrição das entrevistas e discussões sobre as mesmas.
Conhecer as formas através das quais as empresas multinacionais do tabaco se estruturam mundialmente.	Analisar a organização em rede das três maiores indústrias tabacaleras que atuam na região (Souza Cruz, Universal Leaf e Dimon).	Apresentação (em *Power Point) com* a síntese das informações pesquisadas.
Observar *in loco* o desenvolvimento das atividades ligadas ao agronegócio do fumo na região.	Visitar uma empresa produtora de sementes de tabaco, uma unidade familiar de produção de fumo e uma indústria de tabaco.	Fotos, filmagens e redações sintetizando as conclusões obtidas.

Além do estudo sobre a globalização, eixo norteador do trabalho, foram desenvolvidos outros temas ligados a produção do tabaco que são inerentes ao tema, como a agricultura familiar, a industrialização regional, as relações de trabalho e a economia regional.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora da Silva e Jeanne Sawaya. Rev. Técnica de Edgar de Assis Carvalho. 6ª ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo** – Globalização e meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

LER, ESCREVER E FALAR - RESPONSABILIDADE DA ESCOLA

GEOVANE APARECIDA PUNTEL[5]

"Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza"
Morin

Este texto tem como objetivo ralatar um trabalho desenvolvido no Colégio Estadual Monte Alverne, localizado no 3º distrito de Santa Cruz do Sul, RS.

Os principais intuitos do projeto desenvolvido nesta escola é a atualização dos envolvidos, propiciar acesso aos jornais e oportunizar momentos de fala e escuta. Este trabalho vem sendo desenvolvido desde o ano de 2002 e tem como título "Estamos nos atualizando – uma notícia diária".

A notícia diária envolve todos os alunos e professores do colégio, sendo adequado às diferentes faixas etárias dos alunos.

A motivação para este projeto surgiu após um levantamento feito pela coordenação do colégio, onde se verificou que pouquíssimos alunos se atualizam, pois não possuem jornais e revistas em casa. Enquanto isso, na escola, os alunos têm acesso a 13 exemplares de revistas e 3 jornais diferentes, o que estava sendo pouquíssimo explorado.

Com o desenvolvimento deste projeto entende-se que a escola, na sua globalidade, está assumindo a responsabilidade de que ensinar a ler, a escrever e a falar em público é um compromisso de todas as disciplinas.

Discutindo diariamente um acontecimento que os alunos trazem para a sala de aula, estamos dando a eles a oportunidade de pensar em hipóteses a respeito do que lê e a elaborar ponto de vista próprio para falar e escrever a respeito do que vê, do que

5 PROFESSORA DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO ESTADUAL MONTE ALVERNE/SANTA CRUZ DO SUL

viu, do que ouviu em aula, a respeito do mundo lá fora, pois cada aluno deve elaborar uma opinião própria sobre a notícia apresentada aos colegas.

De acordo com Kaercher, "se conseguirmos fazer com que o aluno "ouça o seu irmão", com respeito e atenção, então estaremos contribuindo para o respeito ao outro.... O "aprender a ouvir" o outro, com respeito e atenção, é um exercício pedagógico difícil que nós, professores, podemos ajudar a praticar".

Quando o aluno traz a notícia de um jornal, que é um instrumento que informa de maneira rápida sobre o mundo, nossa responsabilidade como professor é fazer com que os alunos percebam que nas entrelinhas de um jornal, de uma televisão existem olhares e interesses diferentes, por isso a importância de variarmos as fontes de informações. É importante que o professor conduza as discussões, questionando o que a mídia apresenta - processo fundamental para a construção de um cidadão mais crítico.

Conforme Reichwald oportunizar/possibilitar leitura e escrita pela geografia não é simples, mas pode ser prazeroso e colaborar na formação de pessoas mais atentas para entender o mundo e participar na transformação do mesmo.

Levando em consideração as idéias de Morin, entendemos que este projeto é positivo no sentido de que o conhecimento, só é conhecimento enquanto organização, relacionando com as informações e inserindo-as em seu contexto. Precisamos transformar as informações em conhecimento.

A mídia deve ser usada como uma aliada dos professores, não como algo que não tem nada a ver com as nossas aulas, porque desde cedo nossas crianças estão expostas à cultura da mídia e temos o dever de orientá-las quando houver distorções, e interesses dos meios de comunicação diante dos acontecimento cotidianos.

Se conseguirmos fazer uma ponte entre os meios de comunicação e a nossa sala de aula, estaremos conseguindo fazer um diálogo com o mundo real. Fazendo com que o aluno entenda melhor o mundo, a sociedade em que vive.

No momento em que os alunos conseguirem fazer a relação entre nossas aulas e a mídia, estamos contribuindo assim para novas leituras e visões do mundo real e da escola.

Bibliografia.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Univessidade/UFRGS, 1998.
MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2001
REICHWALD JR, Guilherme. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Ed. da Univessidade/UFRGS, 1998

GEOGRAFIA A BORDO DE BARCO

PROF. JOÃO ALBERTO STEFFEN MUNSBERG

O **Projeto Geografia no Lago Guaíba – Delta do Jacuí** é um dos projetos de ensino que o Curso e Colégio PVSINOS, de São Leopoldo – RS, realiza, semestralmente, com seus alunos. Trata-se de uma aula de Geografia a bordo de um barco, onde cerca de 150 alunos deslizam sobre as águas unindo o estudo ao lazer, ou, **estudando com prazer**. O ponto de partida/retorno é a Usina do Gasômetro e a duração é de três horas.

Pretendemos, com este relato, destacar alguns conceitos e/ou temas que podem ser abordados e as formas de abordagem. Os focos motivadores são **Guaíba: Rio ou Lago?** e **Patos: Lagoa ou Laguna?** Para responder às questões são desencadeados conceitos como lago, lagoa, laguna, rio, bacia hidrográfica, ilha, estuário, mar, oceano, lençol freático e outros, enfocando elementos de um rio, os componentes de um ecossistema, os agentes e fatores da degradação ambiental, as características das regiões hidrográficas e respectivas bacias e a importância da água. Além das necessárias explicações de nossa parte (professor), os alunos realizam leitura de tópicos da matéria para responder às questões (de vestibulares) propostas, identificam as formações vegetais e/ou biótopos e as formas de ocupação do espaço, ouvem e/ou cantam músicas que tratam de tema, como **Planeta Água**, de Guilherme Arantes, **Lago Verde-Azul,** de Helmo de Freitas, e **Lagoa dos Patos**, de Kleiton e Kledir.

Laguna dos Patos

Laguna é uma porção de água salobra ou salgada, localizada no litoral e separada do mar por restingas ou por outra estrutura morfológica, contendo aberturas que permitem a livre circulação da água marinha. **Lagoa** é uma extensão de água estagnada, um charco cercado por terras.

No Rio Grande do Sul, a Laguna dos Patos comunica-se com o mar através de um estreito, em Rio Grande. Constitui-se na maior laguna do mundo, com uma área de 11 000 km², tendo 250 km de comprimento e 50 km de largura.

Lago Guaíba

Guaíba, em tupi-guarani, significa o "encontro das águas". Em 1820, Saint-Hilaire já registrou o Guaíba como um lago.

O Guaíba é um lago, pois:

a) há um delta na foz dos rios que nele desembocam, fenômeno resultante do encontro de águas cofinadas por canais com um grande corpo de água;
b) retém cerca de 85% das águas por longo tempo;
c) possui escoamento bidimensional de suas águas;
d) apresenta depósitos sedimentares das margens com geometria e estrutura típicas de sistema lacustre;
e) apresenta vegetação das margens do tipo mata de restinga, característica de cordões arenosos lacustres.

O Lago Guaíba possui cerca de 470 km² de superfície, 2 m de profundidade média e 50 km de comprimento, estendendo-se do Delta do Jacuí, ao norte, até a Ponta de Itapuã, ao sul. A largura mínima é de 900 m, entre a Ponta do Gasômetro e a Ilha da Pintada, enquanto que a largura máxima atinge 19 km, entre as enseadas da Praia de Itapuã e da Praia da Faxina.

Proposição

O projeto é um bom pretexto para introduzir ou concluir o estudo da hidrografia, podendo ser realizado em qualquer porção de água navegável mais próxima. Além, disso, o Projeto possibilita a aplicação da transversalidade e da interdisciplinaridade.

A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS ESTUDOS SOCIAIS [6]

MARLENE FERNANDES DA CUNHA [7]

A escola tem sido palco de diversas transformações a respeito do ensino e dos diversos componentes curriculares. Mudam-se os nomes e as responsabilidades atribuídas a cada nível de escolaridade. Com isso agravam-se os problemas do ensino, entre eles, apresenta-se uma forma muito importante, referente às séries iniciais do ensino fundamental, tanto no que diz respeito os componentes curriculares quanto à atuação docente, trata-se do ensino dos conteúdos geográficos e históricos.

Nesse contexto, avaliou-se a importância da escola para a criança, não como transmissora, mas como organizadora dos conhecimentos naturais, uma vez que, mais cedo do que se imagina a criança começa a construir sua visão sobre o meio em que vive.

Considerando que muitos alunos ao alcançarem as séries finais do ensino fundamental e até mesmo o ensino médio, enfrentam enormes dificuldades em relação a diversos conteúdos geográficos principalmente os referentes à localização e temporalidade, realizou-se um trabalho de pesquisa que foi aplicado em crianças das séries iniciais de cinco escolas do município de Arroio Grande, numa faixa etária que varia de cinco a doze anos.

Á medida que o trabalho foi sendo realizado a hipótese de que a deficiência no desenvolvimento dessas noções são advindas do início da escolarização quando se trabalha com os Estudos Sociais, foi se confirmando.

Percebeu-se, no entanto, que a política pedagógica da escola está cada vez mais comprometida com a construção da cidadania. Isso faz com que o papel dos Estudos Sociais carregado de fonte histórica e geográfica, tenha a responsabilidade

[6] Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.
[7] Formanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas.

de levar o aluno a compreender como ocorrem as mudanças na sociedade em que vive, e mais importante ainda, que ele é sujeito dessa transformação.

Para isso, dá-se a entender que a criança ao chegar na escola, deve ser respeitada com os conhecimentos que ela construiu nas fases anteriores, constituindo-se a partir de então uma sustentação para a construção do conhecimento que se desenrolará no processo escolar.

Entretanto, a partir dos resultados obtidos na pesquisa de campo, pode-se perceber alguns equívocos que vão estar por dentro das dificuldades nos Estudos Sociais. Embora entre os professores se discuta um método mais construtivo nessa área de ensino, na prática eles ainda estão apegados aos métodos tradicionais, continua-se trabalhando com conteúdos, dados, fatos isolados, datas de forma linear e dicotômica sem significado**.**

Ficou claro que há uma grande dificuldade nas crianças em trabalhar com as relações espaço-temporais, nas atividades desenvolvida os resultados apontaram que as suas possibilidades de aprendizagem quanto a essas noções, não foram suficientemente exploradas, indicando que as lacunas deixadas refletirão de forma negativa na aprendizagem que se sucederá, pois afetará todo um processo histórico e geográfico necessário para a compreensão do mundo.

Quanto aos professores, constatou-se que existe a tentativa de se trabalhar os conteúdos de Estudos Sociais de uma forma mais concreta e interdisciplinar. Porém verificou-se que na verdade existe uma certa distorção quanto a esses aspectos.

A realidade da sala de aula tem se mostrado bastante complexa, no que diz respeito à heterogeneidade dos alunos e seus conhecimentos, deixando tramitar no pensamento do pesquisador: como atender então as necessidades desses alunos?

Isto sem dúvida, exigirá um trabalho mais elaborado do educador, por isso é importante que professor de geografia compreenda como se origina no aluno os primeiros conhecimentos geográficos, para que lhe seja possível dar continuidade nesse processo , respeitando a capacidade e dificuldade dos alunos.

Sendo assim, para que o professor não prejudique o desenvolvimento da construção do espaço e do tempo na criança, crê-se que necessitará num primeiro momento de um diagnóstico individual dos seus alunos, para que posteriormente, consiga elaborar o da turma para a qual irá planejar, reconhecendo assim, o que ainda necessita ser suprido.

Conseguir realizar esse diagnóstico talvez seja o grande desafio de cada professor, na verdade nessa tarefa o maior é desafio é ser criativo e construir opções.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Maria H.Veiga (Org.).Escola Fundamental: Currículo e Ensino. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus,1995.
ANTUNES, Aracy Rego. Estudos Sociais: Teoria e Prática. Rio de Janeiro:Vozes,1993.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação.11ª edição.São Paulo: Brasiliense,1981.
CALLAI, Helena Copetti (Org.). O Ensino em Estudos Sociais. 2ª edição. Ijuí: Unijuí, 2002.
CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. E se não houvesse "Estudos Sociais" nas séries iniciais? Fonte: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre,1989.p.81-88
_____.Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões. Porto Alegre: Seção Porto Alegre,1998.
CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2ª edição. São Paulo: Cortez,1995.
CUNHA, Maria Isabel da. O Bom Professor e sua Prática. 12ª edição.São Paulo: Papirus,1989.
DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio educativo científico e educativo. São Paulo:Cortez,1993.
DIMENSTEIN, Alberto. O cidadão de Papel. 19ª edição.São Paulo: Ática, 2000.
FREIRE, Paulo.Pedagogia do Oprimido. 8ª edição.Rio de Janeiro: Paz e Terra,1980.
_____.Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.
FREITAS, Jussara da Rocha. Pressupostos Curriculares para uma Escola Cidadã. Porto Alegre, 1994.
FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva. São Paulo: Cortez, 1989.
GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1997.
GHIRALDELLI, Paulo Júnior.História da Educação.São Paulo:Cortez,1990.
HICKMANN, Roseli Inês (Org).Estudos Sociais: Outros saberes e outros sabores. Porto Alegre: Mediação, 2002.
KAERCHER, Nestor André. Estudos Sociais - Referenciais Teóricos e Interdiciplinaridade. Boletim Gaúcho de Geografia .Seção Porto Alegre, 1995.
LEME, Dulce M. Pompêo C. O. Ensino de Estudos Sociais no 1°Grau. São Paulo:Atual,1986.
MINAYO, M. C. de S.(Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 15ª edição.Petrópolis,Rj:Vozes,1994.
MORAES, Carlos Robert Moraes.Geografia: Pequena História Crítica. 14ª edição.São Paulo: Hucitec,1995.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A formação do professor em uma perspectiva crítica. Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino,UFRGS,Porto Alegre,1991.
_____.Conhecimento Educacional e Formação do Professor -Questões Atuais. Campinas, São Paulo,1994.
NIDELCOFF, Maria Tereza. Uma Escola para o Povo. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense,1975.
_____.As ciências sociais na escola. São Paulo: Brasiliense,1979.
_____.A Escola e a Compreensão da Realidade. 11ªedição. São Paulo: Brasiliense,1984.
PIMENTEL, Maria da Glória. O Professor em Construção. 2ª edição.São Paulo: Papirus,1994.
SEBER, Maria da Glória. Construção da Inteligência pela Criança: atividades do pré-operatório. São Paulo: Scipione,1989.
SEVERINO,Antônio Joaquim. Filosofia da Educação: Construindo a cidadania. São Paulo: FTD,1994.
SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. 3ª edição.São Paulo: Hucitec, 1986.
VAYER, Pierre. Acriança diante do Mundo: na idade da aprendizagem escolar. 2ª edição.Porto Alegre:Artes Médicas, 1984.
VESENTINI, J. W. (Org.).Geografia e Ensino: textos críticos.Campinas. São Paulo:Papirus,1989.
VIDOR, Alécio. Natureza Humana e Educação. Frederico Westphalen: URI,1998.
WARDE, Mirian J.(Org). Temas de História da Educação.Rio de Janeiro:FAPERG,2000.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA ESCOLA DO CAMPO: UM DESFIO À CIDADANIA

ROSA ELANE ANTÓRIA LUCAS[8]
CARMEN REJANE FLORES WIZNIEWSKY[9]

Resumo

O presente projeto busca contribuir para melhoria da qualidade de ensino no meio rural, oferecendo aos educadores subsídios teóricos e metodológicos para a reflexão de sus práticas pedagógicas.

Objetivos

Objetivo Geral

- Oferecer aos professores das escolas do campo (na área de abrangência da 5ª CRE), subsídios teóricos e metodológicos com o fim de abrir novas perspectivas no que se refere ao ensino rural no contexto da sustentabilidade agrária.

Objetivos Específicos

- Criar um espaço para a reflexão em torno da educação que está sendo desenvolvida no campo;
- Analisar o sistema educativo dentro de uma perspectiva histórica da educação do campo;
- Apontar uma reestruturação metodológica em torno da educação do campo, afim de tratar o camponês como um agente de sua história;
- Desenvolver práticas pedagógicas que busquem a valorização da figura do camponês, num processo de inserção de sua identidade social;
- Contribuir para uma reflexão teórico-metodológica sobre as novas perrspectivas de desenvolvimento no campo, tendo como referência a sustentabilidade e a agroecologia.

[8] Professora do departamento de geografia e Economia da UFPEL.
[9] Drª em Geografia pela Universidade de Córdoba (Espanha); profª da Rede Pública do estado do RS; Professora Colaboradora do Curso de pós-graduação em geografia de UFPEL.

Justificativa

A educação brasileira reflete o momento histórico pelo qual passa a nossa sociedade. O processo de democratização ao mesmo tempo em que oportuniza o afloramento de novas idéias. No entanto, os governos nãopropiciam condições estruturais para que as mesma se concretizem. A escola do campo, veio ao longo da história sendo tratada de forma discriminada por parte das mais diferentes esféras poíticas e administrativas deste país. A luta por uma escola do campo desencadeada nas últimas décadas do século XX, surge em conjunto com a luta pela terra, impulsionada pelos movimentos sociais, como o MST. A busca pela construção de uma escola rural diferente, vêm desencadeando novas reflexões em relação aos educadores e a nova sociedade rural, que convive com os assentamentos de reforma agrária. Este projeto pretende contribuir para um entrozamento maior entre o professor das escolas do campo, como forma de resgatar as raízes locais além de conhecer os limites meio ambiente e das relações sociais, econômicas e produtivas da comunidade escolar rural.

Metodologia

A metodologia desenvolvida neste trabalho está em primeiro lugar baseada na experiência das autoras em suas vivências profissionais, estudos concluídos em níveis de mestrado e doutorado e revisão bibliográfia que envolvem a educação do campo, além da observação da realidade do tipo de educação que vem sendo desenvolvida no campo brasileiro.

O desenvolvimento do projeto consiste na oferta de cursos de formação de professores das escolas do campo dos municípios de abrangência da 5ª CRE. Cada turma será formada por professores oriundos de cada um dos grupos formados pelos municípios envolvidos. Serão quatro grupos organizados em função da proximidade geográfica, sendo que as sedes dos cursos são as seguintes: Canguçu, Pelotas, Arroio Grande e São Loureço do Sul.

Os cursos foram ofertados desde outubro de 2003 e terminarão em outubro de 2004. Cada professor receberá uma certificação de conclusão de um total de 60 horas aula.

A GEOGRAFIA EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O APRENDIZADO DA CARTOGRAFIA[10]

VANDERLIZE SAN MARTINS DE LIMA[11]

A educação no Brasil vem passando ao longo do tempo por diversas transformações, muitas dessas deixaram conseqüências irreversíveis, principalmente no que se refere à qualidade da educação pública, visto que durante muito tempo, direcionou-se a atender os interesses de apenas uma classe social.

A geografia, também vem atravessando diversas mudanças, primeiramente na definição de seu objeto de estudo, depois como parte do currículo escolar e posteriormente como disciplina que visa integrar o aluno a sua realidade.

A presente pesquisa foi realizada em três escolas sendo uma particular, outra estadual e outra municipal de ensino, na cidade de Pelotas - RS, com alunos na faixa etária dos 12 aos 42 anos, nos turnos da manhã, tarde e noite, a qual teve como enfoque principal, a aprendizagem dos conhecimentos cartográficos no ensino fundamental, objetivando identificar como a cartografia é aplicada pelos professores e compreendida pelos alunos, bem como verificar as dificuldades que os alunos apresentam em aprendê-la.

Tendo em vista que a falta de incentivo ao uso da cartografia em sala de aula, está associada ao despreparo acadêmico dos professores para desenvolvê-la, a falta de material nas escolas, tais como mapas, que dificulta a compreensão dos conhecimentos cartográficos e ainda que a cartografia é desenvolvida distante da realidade do aluno, pode-se entender melhor a realidade que cerca a geografia.

As observações e levantamentos teóricos realizados, permitiram perceber que o ensino de geografia, sobretudo da cartografia, tem passado por algumas alterações, contudo percebeu-se que os professores têm se esforçado para desenvolver o máximo possível, a cartografia em sala de aula, mas apesar disso

[10] Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.
[11] Formanda em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas.

ainda não exploram todo conteúdo, devido a falta de tempo, os poucos recursos e a falta de material atualizado.

É notório o esforço dos docentes em ensinar os alunos a construir e ler mapas, contudo verifica-se que muitos ainda têm dificuldades em dominar essa parte da aprendizagem cartográfica.

Verificou-se que a maioria dos alunos entrevistados, gostam das aulas em que o professor utiliza mapas, por que consideram que eles facilitam o entendimento do conteúdo, colaboram no seu dia-a-dia e auxiliam na sua localização. Contudo ainda restringem-se a utilizá-los quase que somente nas aulas de geografia, pois fora delas os usam apenas para localizar ruas, estradas e cidades.

Percebeu-se que a maioria dos educandos possui uma boa aprendizagem cartográfica, entretanto, para alcançar melhores níveis é necessário uma reformulação dos conteúdos ensinados, pois as bases cartográficas são transmitidas nas séries inicias, retomadas na 5ª série do ensino fundamental e raramente são revistas ao longo das demais.

Desta forma, acredita-se que a cartografia tem servido para que os alunos possam ampliar a sua noção de tempo e espaço, bem como ensiná-los a perceber o mundo de outra maneira.

Assim, a aprendizagem cartográfica, acaba ganhando espaço, mesmo que aos poucos, na vida do aluno, pois quando este percebe a sua íntima relação com a sua realidade, acaba entendendo que os conteúdos ensinados em sala de aula, fazem parte do seu cotidiano.

Referências:

ALMEIDA, Rosângel Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.) **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998.
CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**.Campinas: Autores Associados, 1998.
LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Loyola: São Paulo. 1984.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Critica**. São Paulo: Hucitec:1995.
MORAIS, Regis (org.). **Sala de Aula: que espaço é esse?** Campinas: Papirus, 1993.
MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
Revista Ciência Geográfica. Bauru: Associação dos Geógrafos Brasileiros. Vol. IX. Set/Dez. de 2003.